

S o l i l ó q u i o
[Jogo 20 retificado]

PREÂMBULO: *Solilóquio* é o título deste caderno. Ele apresenta imagens inicialmente guardadas em seis bobinas de filme fotográfico 35 mm, 12 poses, as quais compuseram o jogo de número 20 do projeto *12 imagens guardadas: procedimento jogo*, que desenvolvo desde 2001. O procedimento determina as regras do jogo: tomar fotografias com uma câmera de filme e não as revelar; endereçar uma proposta de jogo para um espaço institucional da arte; disponibilizar, a cada jogada/exposição, seis bobinas para eventuais visitantes, em troca de seus dados pessoais; guardar, para sempre, em vitrines de acrílico, as bobinas relativas aos jogos não acolhidos por instituições. As imagens que aqui apresento foram reveladas por mim em uma decisão de subversão das regras do jogo, que nomeei “Retificação, rigor e rasura”. Revelei as 12 imagens da bobina C4 que, em 2014, foram impressas em papel de algodão e expostas ao lado da proposição de troca, na exposição coletiva *Na Superfície | Trabalhos sobre papel*, realizada na Galeria da Escola Guignard, em Belo Horizonte. O caderno *Solilóquio* apresenta as imagens que estiveram guardadas nas cinco demais bobinas do jogo 20, que agora seguem acompanhadas por textos curtos que para elas escrevi.

BOBINA Y3 (Vivendo na Condesa)







Depois de conviver com a balbúrdia do Centro da Cidade do México, tendo morado quatro meses no Hotel Vierreyes, mudei-me para a elegante vizinhança do Bairro Condesa na companhia dele. Escolhi a hospedaria com cuidado para agradá-lo, pois ele voltava do Timor Leste após um longo ano de trabalho e ficaríamos mais 15 dias na Capital Mexicana, agora que meu vínculo com a Universidade estava se encerrando e eu assumia a condição de turista. O sobrado era charmoso e, além do quarto que reservamos, o proprietário disponibilizava mais três ou quatro aposentos. A presença de ciclistas e de pontos de empréstimo de bicicletas pelo bairro criava um clima ameno e jovial. Uma noite convidamos o jovem casal de fotógrafos, que continuavam morando no Virreyes, para nos visitarem na hospedaria. A diferença de idade entre nós e eles não era empecilho para a amizade. Naquela noite gentil eu não podia imaginar que envelheceríamos ainda mais drasticamente poucos meses depois.

BOBINA Z3 (eu não me lembro mais)







As fotografias ajudam a lembrar. Lembrou-se de que, quando decidiu visitar Oaxaca, foi num arroubo de autonomia precipitada pelo temor do ostracismo que impunha a si mesma, permanecendo tanto tempo naquele quarto de hotel, lendo, escrevendo, transcrevendo. Diariamente, interrompia os trabalhos por volta das 15 horas, descia até a precária lojinha de *Donuts* da vizinhança, comprava um copo de café com leite de máquina, um pacote de *cookies* com gotas de chocolate, um maço de cigarros. Num desses dias, caminhou um pouco mais e comprou também a passagem aérea para Oaxaca. Da viagem restam apenas quatro fotografias, além de alguns registros em vídeo que ainda planeja editar. Gostaria de começar pela imagem de uma senhora índia vendendo batas coloridas na praça ampla e sonora de Oaxaca, objetos que ela, agora, lamenta não possuir. Mas comprou alguns palitos para petiscos das crianças índias, os quais trazem a silhueta de diversos animaizinhos. Essa fauna adorável, pintada com uma delicadeza desconcertante, tinha que conviver com um amontoado de coisas barulhentas, ostensivas, desagradáveis. Ontem mesmo ela fotografou esses palitinhos como tentativa de conservar parte do conjunto de *souvenirs*, que hoje mantém sobre o aparador da sala de estar. Pensou em incluir a imagem dos palitinhos entre as quatro fotografias da bobina Z3, mas achou que tal inclusão tornaria o caderno *Solilóquio* menos rigoroso. Então comprou cigarros como maneira de evocar a lembrança de que - depois dos intervalos laborais diários - retornava ao quarto de hotel e experimentava uma dificuldade espessa para prosseguir. Ali, cada trago desenhava, como desenha agora, uma relação irrevogável com o tempo. Pois é.

BOBINA A4 (Bosque de Chapultepec, cinco de dezembro de dois mil e dez)







Encontrei uma anotação que me diz que era domingo e que ela havia comprado uma câmera barata e um filme 12 poses. Eu recordava que ela comprara a câmera numa das tendas do metrô, até escrevi sobre isso, mas logo que li a nota revii a cena: ela mesma colocando pilhas na câmera depois de adquiri-la em uma barraca no Bosque de Chapultepec. Então me convenci de que a lembrança anterior era falsa. No metrô ela deve ter comprado apenas mais bobinas de filme e, talvez pela semelhança que os gestos de comprar guardam entre si, um deles tenha se sobreposto ao outro e assumido a autoria daquele evento tão importante: a aquisição da câmera fotográfica, marcando a decisão de continuar o projeto *12 imagens guardadas: procedimento jogo*. As fotos mostram que o dia cinco de dezembro de dois mil e dez foi um dia de sol. Mostram que ela registrou a apresentação de uma peça de teatro. Não mostram que ela não a assistiu. Mostram ambulantes fazedores de algodão doce e algodões-doces coloridos espetados nos pauzinhos. Mostram transeuntes e barracas e produtos e balões e pessoas olhando pessoas que remam. E mostram que ela esteve quase todo o tempo seguindo o fluxo dos transeuntes, exceto nas duas fotografias em que vai ao encontro dele. Em uma delas, o homem de camiseta verde parece que a vê.





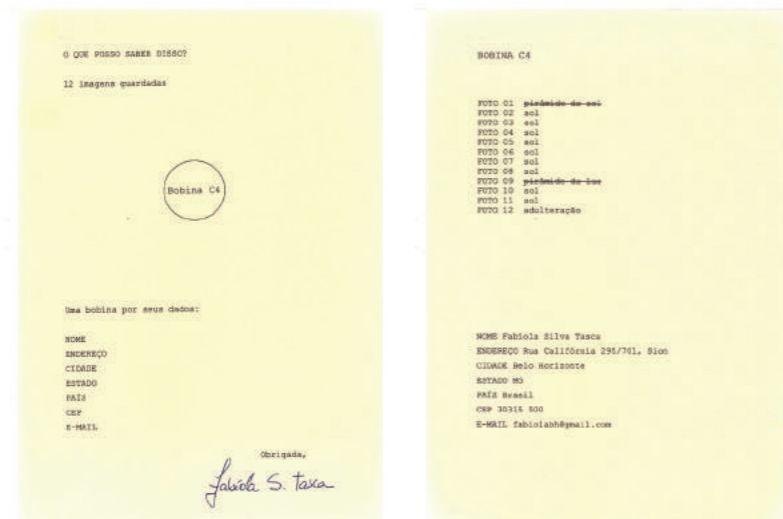




Quando cheguei ao aeroporto - um dos lugares mais tensos que conheço - e aquele cachorrão farejava e percorria uma série de malas, maletas e valises entre as quais estava a minha pequenina, eu pensava: “estou no México!”. Eu me sentia tão importante em estar ali, às expensas do governo brasileiro, só para escrever a minha tese. Nossa, quanto privilégio! Era tudo tão novo e eu nem sentia medo, só uma certa dormência nas mãos e algum frenesi. No primeiro dia hospedada naquele hotel impressionante, sucedâneo de uma película de Wim Wenders, e que - devo dizer - desafiava meu limitado repertório burguês, conheci o casal de fotógrafos. Com eles fiz dois trajetos de bicicleta pelo Paseo de La Reforma que, aos domingos, ficava destinado aos ciclistas, tornando aquela avenida ampla e movimentada, um espaço generoso e gentil. Nossas impressões e descobertas da cidade compartilhávamos em encontros frequentes que interrompiam minha rotina acadêmica e tornavam a permanência na gigantesca metrópole mexicana menos solitária. Subi a Torre Latinoamericana. Tomei água de horchata. Visitei sítios arqueológicos, tentando imaginar uma forma

de vida longínqua. Exercitei, com orgulho, o castelhano que aprendi como condição para receber a Bolsa Sanduíche. Da janela do meu quarto eu avistava um fragmento da convulsiva Calle Izazága, a qual percorri várias vezes na busca de *gadgets* que me permitissem resolver os constantes problemas de conexão com a internet. Fiz inúmeros trajetos de metrô para tomar aulas no Campus da UNAM, ou apenas para gravar as falas dos ambulantes que ali encenavam uma performance vigorosa. Além das bobinas de filme, trouxe na bagagem essas vozes. Fiz com elas a peça sonora *Para Servirle*¹, que apresentei no dia da defesa, diante da banca e da consciência de que ela dizia tanto do México... e não menos de mim.

1. <https://goo.gl/PEbHHV>

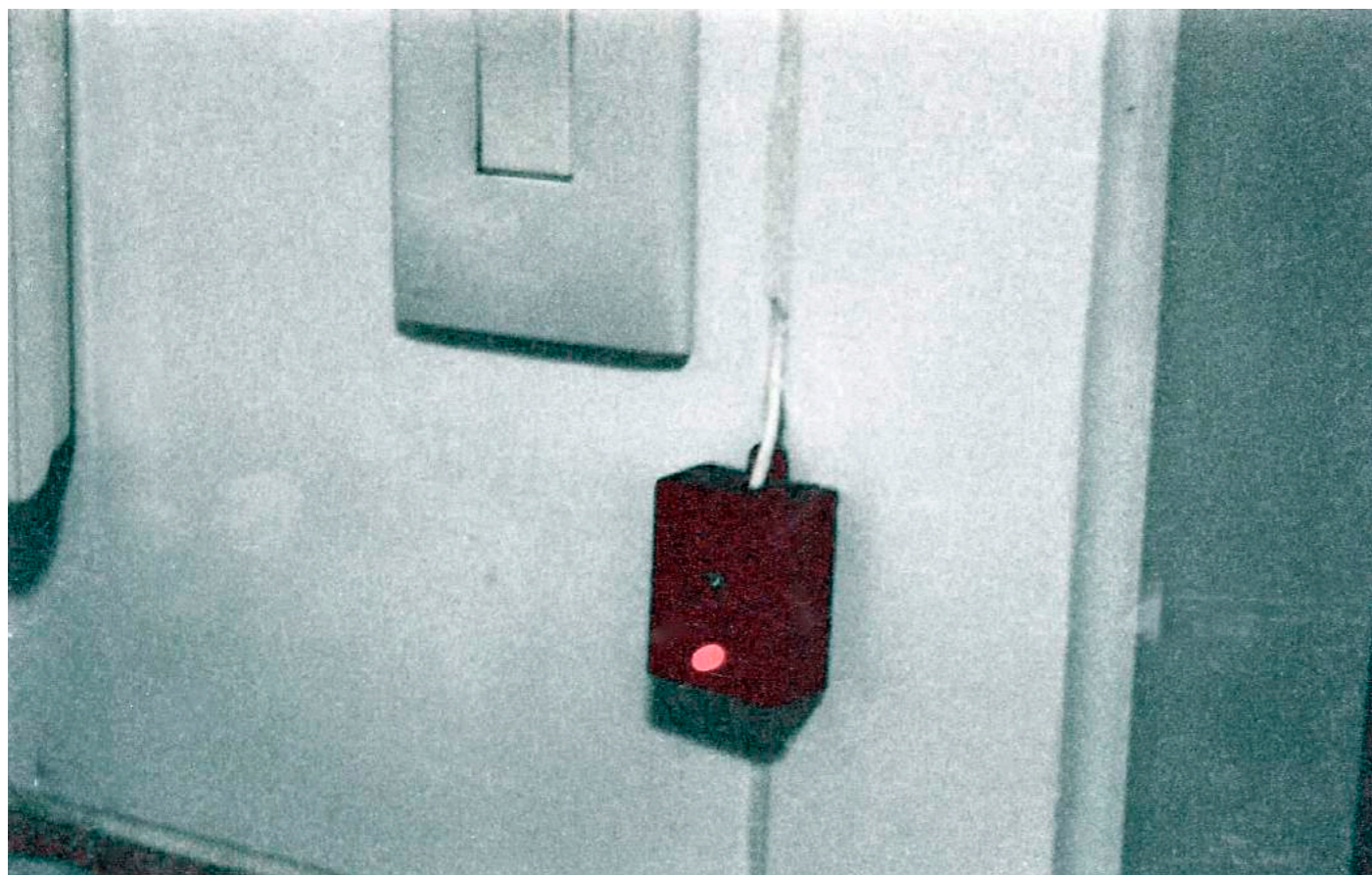
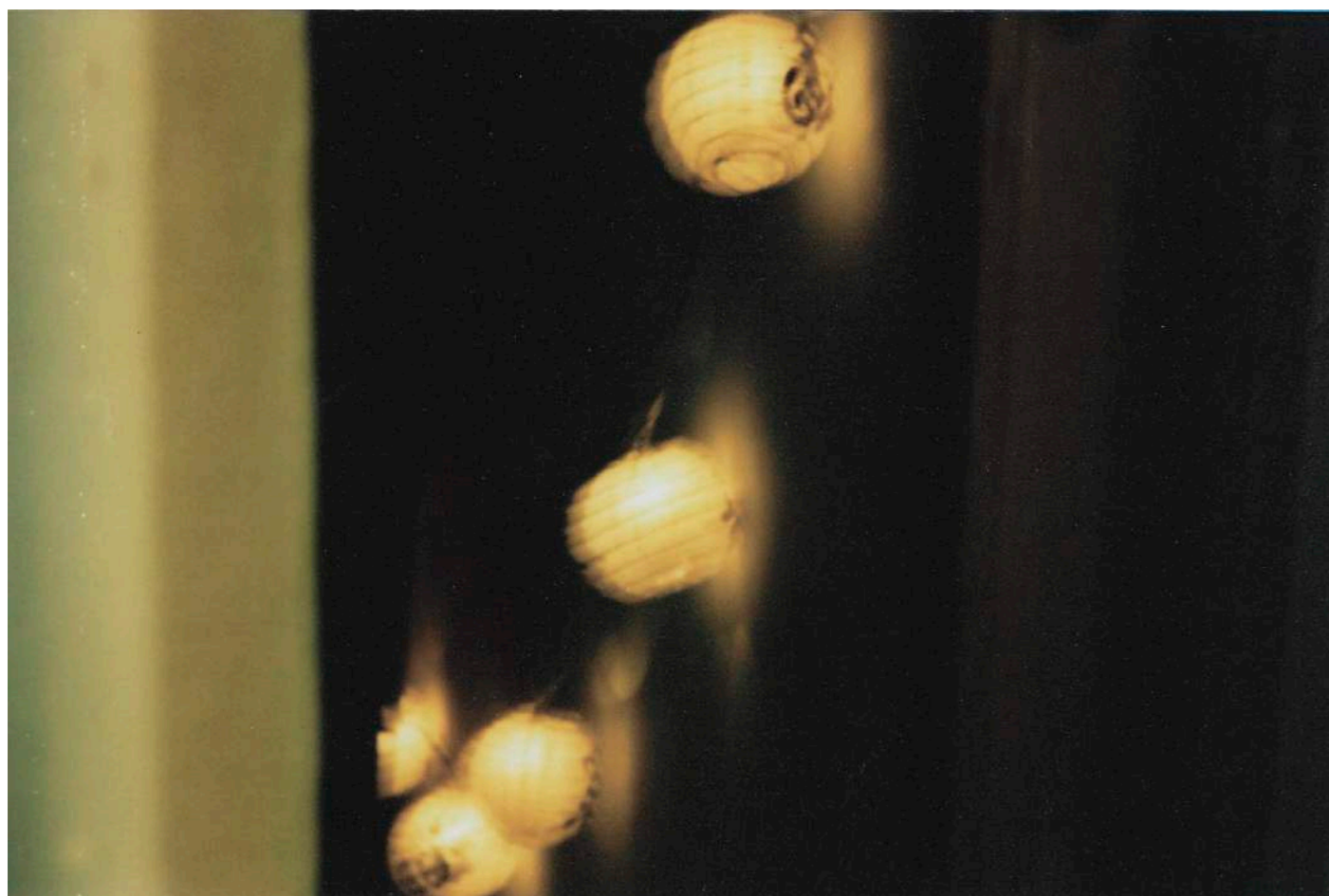


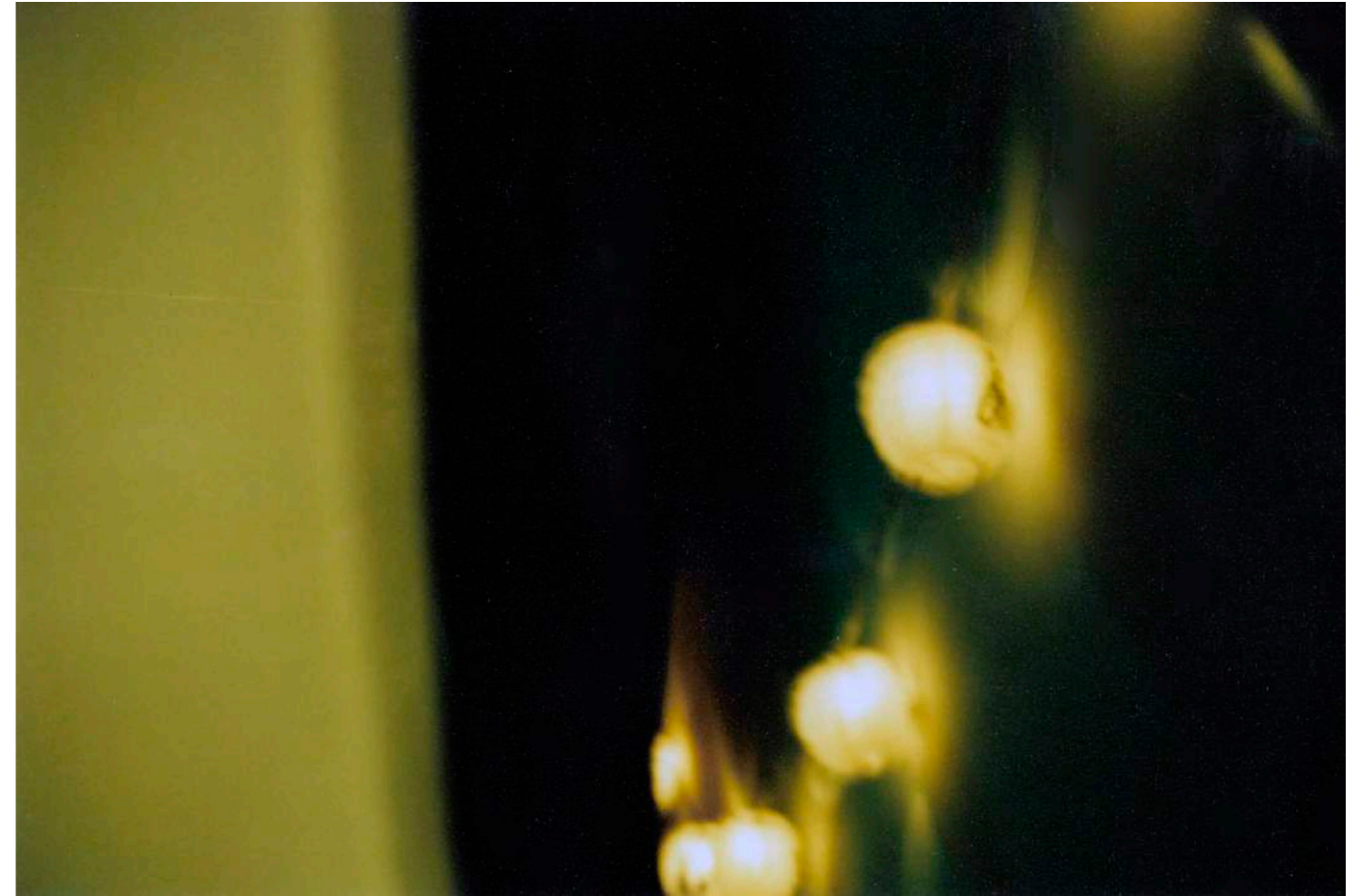
Bobina C4

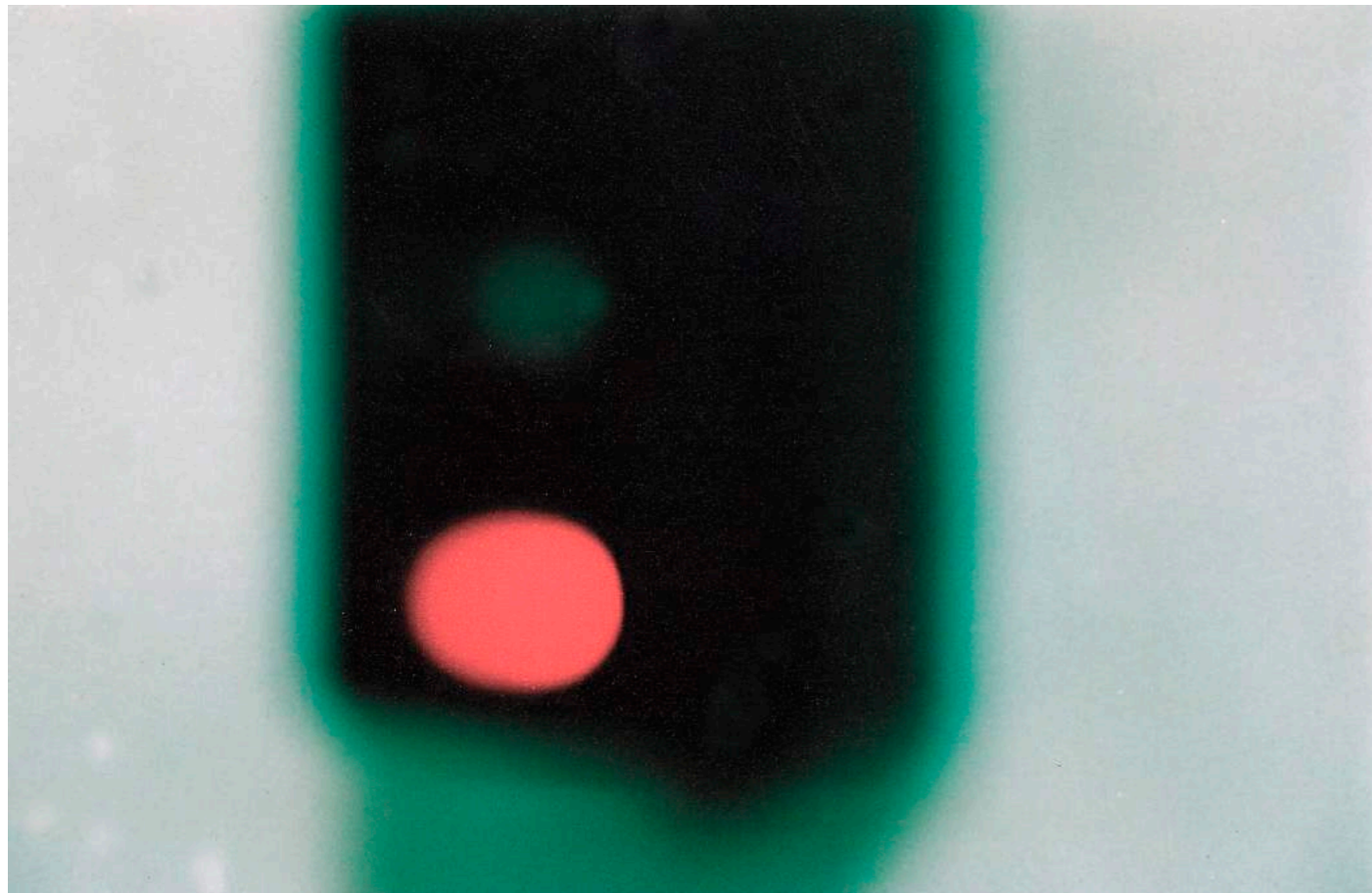
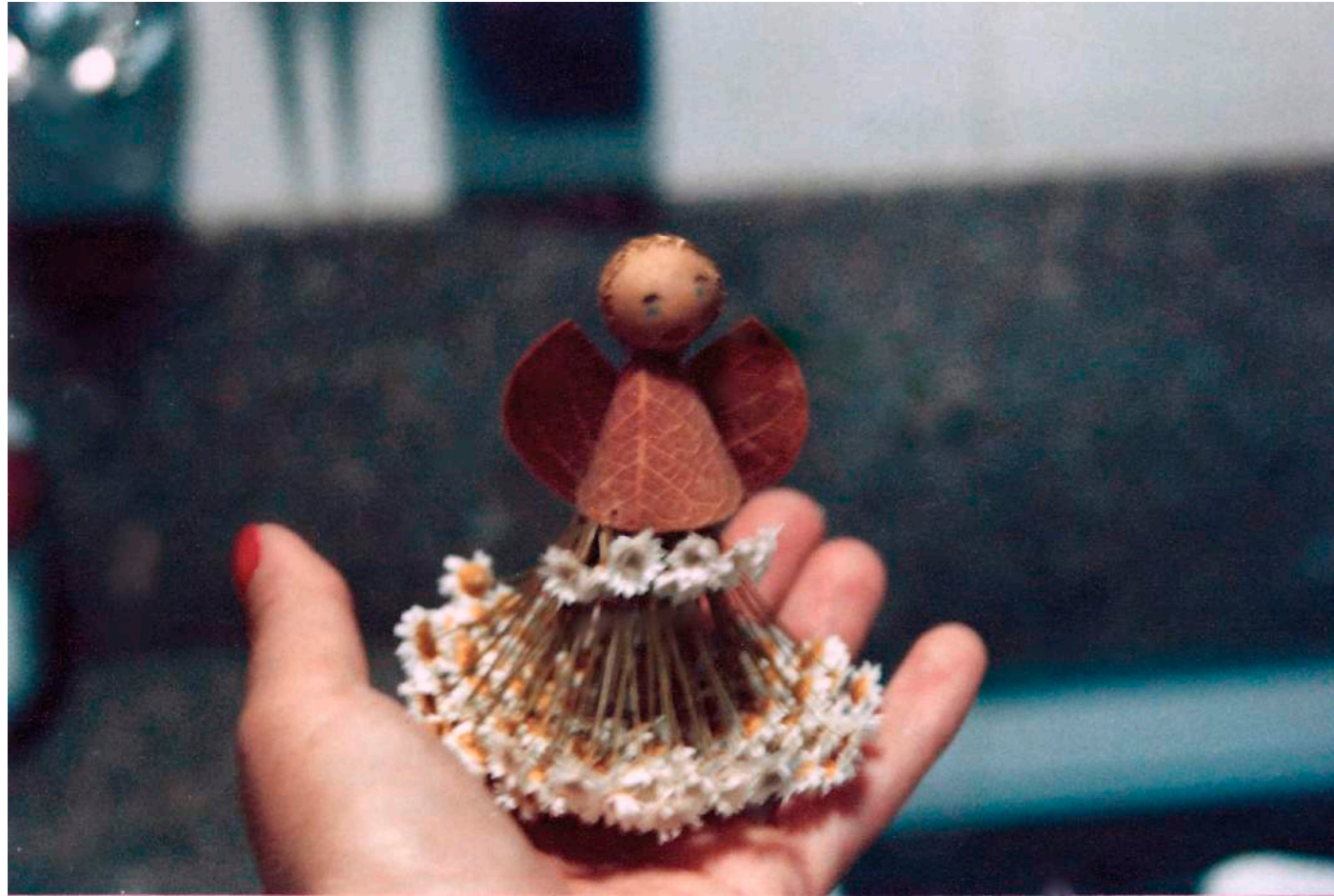


Sobre as regras do jogo: retificação, rigor e rasura
Proposição de troca e Fotografias
Impressão por pigmentos minerais em papel de algodão
55 x 79 cm (cada)
2014

BOBINA D4 (em casa)







Pensei que se ela visse as imagens da bobina D4 poderia revisitar a sensação acolhedora que é estar em casa depois de longo tempo fora dela. Quando revelou essas imagens sentiu certa decepção. Há alguma lembrança de ter tomado as fotos, mas nada relativo ao suposto bem-estar. Todavia, é preciso reconhecer que não se imprimiram traços desagradáveis. Simplesmente essas fotografias. Olhar para elas não lhe traz nenhuma recordação do que pode ter sido retornar da viagem que lhe parecera tantas vezes impossível, da provável apreensão implicada nesse retorno. A tese por concluir, a defesa se avizinando, o relacionamento se esgarçando e todos os compromissos. Olha as pequeninas luminárias japonesas e embora não consiga saber o que fez delas, sabe que estão definitivamente ligadas a um tempo bom. Os anjinhos de sempre-vivas ainda os têm na prateleira do banheiro. Dada a fragilidade desses objetos se surpreende que estejam intactos há tantos anos, conservando a presença de Diamantina, de tudo o que de lá, felizmente, não se desfaz. Os imãs de geladeira. Muitos deles restaram e não sabe se por negligência, ou por conveniência, deixou que eles ficassem. Mas o de Carmem foi ela quem comprou. Entre as 11 fotografias desses fragmentos domésticos vê... a imagem da lua!? Trêmula, ela impõe a presença inquietante da janela. Revisita, então, a necessária experiência de olhar para fora.

EPÍLOGO: O percurso realizado pelo projeto *12 imagens guardadas: procedimento jogo* entre 2001 e 2015 foi publicado no nº 33 da Revista Arte & Ensaios, em julho de 2017. A ocasião dessa publicação me parecia anunciar o fim do projeto, uma vez que ela registra os nomes de todos os envolvidos no processo ao longo de 14 anos de endereçamentos. Todavia *12 imagens guardadas*, em sua formulação original, declarou o Jogo Infinito como sendo o objetivo desse jogo. Um jogo que se define não pelo propósito de vencer, mas de seguir jogando. Dessa forma, a suposta decisão de encerrar o projeto talvez seja precipitada e, por ora, melhor adiar, mais uma vez, uma resolução.